



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

OS PRONOMES PESSOAIS RETOS DE TERCEIRA PESSOA EM FUNÇÃO OBJETIVA: UM ESTUDO A PARTIR DO USO

Janaína Maria Fernandes Guedes Queiroz
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
jani12fg@gmail.com

Ana Dalete da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
anadaletesilva@hotmail.com

Rosângela Maria Bessa Vidal
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
rosangelauern@gmail.com

Resumo: Este trabalho intenciona analisar o uso dos pronomes pessoais retos (ele, ela, eles, elas) em função objetiva nas produções textuais dos alunos do 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino fundamental II sob a ótica da linguística funcional centrada no uso e dos estudos semânticos, no intuito de perceber se tais elementos variam da função subjetiva para a objetiva com que frequência isso ocorre, observando, ainda, os elementos contextuais imbricados nesse uso. Para tanto, recorreremos a teoria da mudança linguística sob a perspectiva da abordagem funcionalista e teoria da semântica e pragmática. Constitui o corpus desse trabalho quatro textos coletados nas aulas de Língua Portuguesa nas turmas de 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental - EF. Nosso estudo assume uma metodologia de caráter descritivo-interpretativo, no qual os dados foram analisados quali- quantitativamente. O suporte teórico adotado para atender aos objetivos propostos na análise das amostras é a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Esperamos que as discussões realizadas possam instigar os docentes de Língua Portuguesa, bem como os discentes de Letras, futuros professores da área, a conceberem a língua em sua natureza dinâmica e maleável, de modo que a sua diversidade não seja compreendida como um desvio, mas como uma propriedade que a constitui.

Palavras-chave: LFCU, Pronome, Mudança linguística, Semântica.

INTRODUÇÃO

A língua, em sua natureza dinâmica, maleável, é objeto de estudo de muitas correntes teóricas da linguística moderna, cujo propósito é compreender o seu funcionamento. No entanto, cada abordagem possui uma maneira peculiar de direcionar e investigar os aspectos que englobam a linguagem humana, e por sua vez a estrutura linguística.

Dentre os estudos recorrentes, discute-se neste trabalho os fenômenos de Variação e mudança linguística que têm sido objeto de reflexão, de modo notório, a partir da década de 70, com o advento de correntes teóricas que atribuem aos fatos linguísticos um caráter interativo vinculando-os aos contextos comunicativos de seus usuários. Investiga-se os usos do pronome pessoal reto *ele, ela, eles, elas* nas produções textuais dos alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal de Doutor Severiano- RN,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso, bem como dos estudos semânticos.

A intenção é analisar as ocorrências dos pronomes retos nas funções de objeto direto e/ou indireto nos textos dos alunos do Ensino Fundamental II, explicando esse uso pelo viés da Linguística Funcional Centrada no Uso, que observa as estruturas gramaticais manifestadas a partir do uso. Além disso, utilizou-se como aporte teórico a teoria da *semântica e pragmática*, vez que ao analisar os elementos linguísticos a partir do contexto, aciona-se os aspectos semânticos pragmáticos que concorrem para a efetivação desses usos linguísticos. Quanto à organização estrutural, a pesquisa compõe-se de Introdução, fundamentação teórica, análise e discussão do *corpus*, considerações finais e por último as referências bibliográficas.

METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa selecionou-se quatro textos, um de cada turma, respectivamente, os quais apresentam a ocorrência do pronome pessoal reto de terceira pessoa com função objetiva. A respectiva análise fundamenta-se nos teóricos supramencionados cujas contribuições reforçam o caráter qualitativo interpretativista da pesquisa em pauta. Considerando que o trabalho ressalta o aspecto qualitativo sobre o quantitativo, os dados que o norteia são retirados de produções escritas de alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º anos, em situações concretas de comunicação no ambiente de sala de aula, os quais são submetidos a um processo de codificação e análise.

A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: SUA CONSTITUIÇÃO TEÓRICA

A Linguística Funcional norte-americana toma sustentação a partir da década de 1970, com a grande contribuição teórica de Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, Elizabeth Traugott, que defendem uma linguística baseada no uso, cujas características consistem em analisar a língua do ponto de vista do contexto e da situação extralinguística e concebem o estudo do discurso e da gramática de modo simultâneo, no intuito de entender como a língua se configura. Nessa perspectiva, as regularidades linguísticas são justificadas a partir do uso interativo da língua considerando as condições comunicativas em que se verifica esse uso.

Desse modo, pode-se dizer que na base do funcionamento linguístico está a capacidade do ser humano de formar categorias, de agregar essas categorias em diferentes domínios de conhecimento, assim como a habilidade de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

estabelecer relações de semelhança ou analogia entre esses domínios. Isso significa que as regras gramaticais refletem a criatividade humana, mas são restritas pelo funcionamento natural da mente.

Diante do exposto, é relevante destacar que o funcionalismo abarca um conjunto de subteorias que compactuam a ideia de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel fundamental na determinação das estruturas e dos sistemas que constituem a gramática de uma língua.

A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os estudos da semântica e pragmática vieram à tona na década de 1960, com o movimento denominado *virada pragmática*, o qual tinha como pano de fundo o estudo dos fatos da linguagem com base nos aspectos extralinguísticos que envolvem os eventos comunicativos, aspectos esses, que foram excluídos dos estudos saussurianos, com as dicotomias *langue/parole*; *sincronia/diacronia* instituídas pelo mestre russo Ferdinand Saussure. Além do Estruturalismo, pode-se destacar a escola gerativista que compactuou com o mesmo recorte teórico, excluindo os fatos sociais da língua de seu objeto de estudo.

Dentre as abordagens que concebem a língua na perspectiva fluida, heterogênea considera-se, também, nesse trabalho a ciência do significado, isto é, a semântica, uma vez que, é inviável o estudo do uso linguístico sem considerar as relações contextuais. Sobre essa relação Oliveira (2008, p.107), afirma:

Ora, os elementos linguísticos e os extralinguísticos são essenciais para a produção de sentido. Afinal, as pessoas usam a língua com propósitos diversos, como expressar sentimentos, dar ordens e fazer perguntas, funções comunicativas que independem das condições de verdade das sentenças usadas para esses propósitos que vão além da estrutura da língua.

Diante disso, confirma-se a conjectura de que na concretização do ato comunicativo estão imbuídos tanto os aspectos estruturais, como os semânticos e pragmáticos e, ainda, que considerar essa harmonia de elementos linguísticos e extralinguísticos nos estudos da semântica significa abordar tais estudos sob a perspectiva pragmática, do uso.

Considerando a importância dos aspectos semânticos que norteiam os eventos de uso da língua, revela-se a necessidade de uma maior abertura desses fatores no ensino de Língua Portuguesa, no sentido dedicarem mais atenção às



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

questões semânticas, visto que esses fenômenos semânticos estão imbricados na nossa experiência linguística e são efetivados no uso. De acordo com Oliveira (2008) ao desenvolver atividades de leituras ativamos *scripts* mentais que nos permitem lidar melhor com os assuntos a serem abordados no texto. Isso revela que o professor, ao trabalhar tais atividades, estará abordando, além da questão estrutural da língua, o conhecimento de mundo, e a realidade cultural, aspectos que ativam o campo do significado.

Nessa perspectiva, compreende-se o quanto é importante trabalhar a língua numa perspectiva de construção interativa, em vez de tratá-la como um conjunto de regras prescritivas. Desse ponto de vista o usuário irá compreender que têm a sua disposição uma infinidade de elementos linguísticos que podem ser usadas em contextos diferentes, conforme as suas intenções comunicativas.

O USO DO PRONOME PESSOAL RETO E A ABORDAGEM FUNCIONAL

Na dinâmica que cerca as questões linguísticas é relevante destacar alguns estudos sobre categoria pronominal, estudos esses que ultrapassam a conceituação canônica atribuída a essa categoria. Observa-se, notoriamente, no uso efetivo da língua as variações ocorridas no âmbito dos pronomes pessoais retos, principalmente, ao recorrer aos usos do Português brasileiro – PB. Sobre essa questão Castilho (2012, p. 477) destaca, “os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua”.

Mediante a relevância desses pronomes no sistema linguístico e sua propensão às mudanças, Castilho (2012) em sua Nova Gramática do Português Brasileiro apresenta um quadro com a reorganização dessa categoria linguística, conforme se apresentam na fala e escrita dos falantes do Brasil. Em relação às alterações nos pronomes de terceira pessoa, o linguísta destaca: (i) a forma singular do pronome ele mudou para ei, e o plural eles mudou para eis, funcionando como sujeito; (ii) ele preservou o nominativo e ganhou o acusativo, funcionando como objeto direto; (iii) o acusativo o tem os alomorfes lo e no, e está desaparecendo, talvez por causa dessa riqueza toda, sendo substituído pela forma única ele acusativo. Sobre a perda do clítico, o autor coloca que ela suscitou dois ganhos: os pronomes ele e lhe, que antes funcionavam como sujeito e objeto indireto, respectivamente, e agora assumem também a função acusativa.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Esse postulado condiz com o objeto de análise dessa pesquisa, o uso do pronome pessoal reto de terceira pessoa em função objetiva verificado em produções textuais de alunos do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental. No quadro apresentado por Castilho (2012) os pronomes são expostos considerando os dois usos da linguagem: formal e informal, de modo que não privilegia uma forma sobre a outra.

Diante disso nota-se a flexibilidade inerente ao uso dos pronomes pessoais retos de terceira pessoa cuja maleabilidade é instigada pelas situações comunicativas vivenciadas pelos falantes nativos do português brasileiro.

ANÁLISE DO CORPUS

Inicialmente, foi importante observar a frequência geral de uso do pronome pessoal reto em função objetiva nos textos analisados nesta pesquisa, para ilustrar esses dados segue um quadro apresentando tais ocorrências conforme o ano escolar e o gênero discursivo trabalhado em cada turma. É importante ressaltar que esse uso, recorrente na língua falada e escrita de muitos usuários da língua, é abordado nesse trabalho numa perspectiva de mudança e variação linguística, considerando a maleabilidade da língua, que varia mediante as experiências cognitivas e os contextos comunicativos dos falantes.

Para melhor fundamentação e confronto dos dados apresentados, busca-se subsídios em alguns exemplos apontados na gramática tradicional concernente ao emprego dos pronomes retos e oblíquos. Os pronomes da forma oblíqua são relevantes para esse trabalho pelo fato de assumir a função de complemento (objeto direto e indireto) na abordagem da gramática normativa. Nesta pesquisa, os pronomes retos e oblíquos na perspectiva tradicional, são vistos como categorias prototípicas, formas fontes e são passíveis de mudanças, as quais são determinadas pelas pressões do uso.

Foram analisados 4 textos para comporem esse *corpus*, nos quais foram observados os seguintes dados:

- (i) O uso do pronome pessoal reto em função de objeto direto;
- (ii) O uso do pronome pessoal reto com preposição em função de objeto indireto.

De cada turma foi analisada uma produção textual, distribuídas da seguinte forma:

- 6º ano do EF – um texto do gênero conto;
- 7º ano do EF – um texto do gênero relato pessoal;
- 8º ano do EF – um texto do gênero carta argumentativa;
- 9º ano do EF – um texto do gênero relato pessoal



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O Quadro 1 sintetiza os resultados da ocorrência geral das formas pronominais de terceira pessoa do caso reto em função objetiva no *corpus* analisado.

Quadro 1: Ocorrência do pronome reto em função de objeto direto e objeto indireto por ano

Ano	Gênero discursivo	Nº de textos	Pronome reto em função de objeto direto	Pronome reto em função de objeto indireto
6º	Conto	1	3	1
7º	Relato pessoal	1	5	0
8º	Carta argumentativa	1	2	0
9º	Relato pessoal	1	2	1

Conforme as informações do quadro foram constatadas 14 ocorrências do pronome pessoal reto em função objetiva, sendo assim distribuídas: 03 casos referentes ao uso do pronome pessoal reto na função de objeto direto e 01 de objeto indireto no 6º ano, no gênero conto. 05 casos referentes ao uso do pronome pessoal reto na função de objeto direto e zero em função de objeto indireto no 7º ano, gênero relato pessoal. No 8º ano, carta argumentativa, ocorreram 02 casos referentes ao uso do pronome pessoal reto na função de objeto direto e nenhum na função de objeto indireto. Já no 9º ano, no gênero relato pessoal, ocorreram 02 casos referentes ao uso do pronome pessoal reto na função de objeto direto e 01 caso equivalente ao uso do pronome pessoal reto com preposição em função de objeto indireto.

Grosso modo, os dados emitidos no quadro indicam uma certa produtividade em relação a frequência de uso do fenômeno em estudo, pois em cada gênero analisado encontram-se ocorrências do pronome nessa função. Nesse sentido, a frequência de uso constitui um papel importante nos processos de mudança referentes à gramaticalização. Vez que a repetição contínua do pronome como complemento aumenta a probabilidade desse item efetivar-se na língua como uma forma gramaticalizada.

As amostras seguintes, compõem as narrativas dos estudantes das quatro turmas, 6º, 7º, 8º e 9º anos e exemplifica as ocorrências expostas no quadro 01, no que se refere ao uso do pronome reto na função de objeto direto.

(Amostra 01) “O tenente conheceu uma mulher chamada Inaura e ‘casou-se’ com ela. Frederico já estava atrás dessa mulher ai ele tentou ‘matar’ o tenente e o tenente matou ele primeiro (...)”



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(Amostra 02) “(...) Quando me lembro dos meus irmãos e do meu pai e não vejo eles morando comigo é ruim porque a pessoa se lembra de quando éramos juntos, mas a vida é assim temos que lutar contra tudo para construir um bom futuro (...)”

(Amostra 03) “(...) No dia do casamento de Lisbela Evandro “irar” matar leléu mas na hora aparece Lisbela atrás de Evandro e mata ele, seu pai então deixa ela ir com leléu (...)”

(Amostra 04) “Cláudio e Eliana deixaram ele ir, então Ryan muito contente por que seus pais acreditaram no que ele falou rapidamente correu para as águas (...)”

Na sequência, as amostras retiradas do corpus, produções dos alunos do 6º e 9º anos do Ensino Fundamental, referem-se ao uso do pronome reto com preposição, em função de objeto indireto:

(Amostra 05): “(...) ‘seto’ dia aparece um ‘forateiro’ e era Frederico Evandro que queria ‘mata’ leleu e chegou Inaura pediu a ele para não matar Leléu (...)”

(Amostra 06): “(...) minha mãe preocupada disse a ela que fosse pois podia ser algo importante (...)”

Mediante o exposto observa-se que nas produções dos alunos ocorre um fenômeno sintático bastante frequente na fala e na escrita tanto de usuários do dialeto não padrão como na dos usuários da chamada norma culta da Língua Portuguesa: o uso de pronomes pessoais do caso reto de terceira pessoa em posição de objeto direto e objeto indireto, situação esta em que a prescrição normativa prevê uso de pronomes pessoais do caso oblíquo.

Nos textos analisados, observou-se a preferência dos estudantes em utilizar o pronome Ele/ Ela na função de objeto direto e/ ou indireto em vez do oblíquo. Pode-se justificar esse uso pelo viés da mudança e variação linguística que norteia os eventos comunicativos. Essa dinâmica instalada na comunicação humana tem revelado muitas alterações e renovação no sistema linguístico, as quais têm repercutido no modo como os usuários utilizam a língua cotidianamente, contrariando, na maioria das vezes, a norma padrão imposta socialmente.

Castilho (2012) referencia esse uso considerando-o “um ganho” no repertório linguístico dos falantes nativos do Português brasileiro, uma vez que pautados na maleabilidade da língua, eles criam novas formas para expressar-se em eventos comunicativos diversos. Nessa perspectiva, a variação deve ser entendida como um aspecto positivo, por evidenciar que a língua está viva, efetivando novas posturas na sociedade que também está viva, inovando padrões, culturas, gostos e, por sua vez, a linguagem.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na ocorrência do pronome pessoal como objeto direto é perceptível também a expressividade do falante ao dispor os fatos na narrativa, intensificada na amostra seguinte, pela repetição do pronome *ela*, que, por sua vez, nesse contexto, torna-se mais saliente que o uso do pronome oblíquo na respectiva função. Observe:

(Amostra 07): “uma hora depois arrunam *ela* com a mortalha o manto e as meias depois trazem o caixão ‘arrunam’ *ela* bem e encheram *ela* de rosas.”

Nesse recorte do texto, percebe-se três ocorrências que além dos aspectos sintáticos revelam os elementos pragmáticos e discursivos envolvidos na opção linguística do falante. A partir desse uso apreende-se o estado emotivo do informante, sensibilizado e atento à situação, bem como o contexto comunicativo em que está inserido. As palavras *mortalha*, *manto*, *caixão e rosas* estão semanticamente relacionadas a um velório, ou seja, ao evento comunicativo vivenciado pelo autor do texto. Os aspectos supracitados são determinantes na escolha linguística do informante, visto que funcionam como princípios motivadores das estratégias comunicativas deste, nas situações efetivas de uso da língua. Isso significa que por meio das estruturas linguísticas, os informantes refletem traços tanto de estruturas conceituais mais gerais, quanto da sua própria cultura (Cezario e Furtado da Cunha, 2013).

Outro ponto que merece atenção na questão em estudo é o fenômeno da marcação, nesse sentido a análise é realizada com base nos critérios que regem esta categoria analítica. De acordo com o critério da complexidade cognitiva, notou-se que o pronome em função de objeto direto, pode ser classificado como a estrutura não marcada, em relação ao uso do pronome oblíquo nessa mesma função, que caracteriza-se como a estrutura marcada. Verifique:

(Amostra 08) “No dia do casamento de Lisbela Evandro “irar” matar leléu mas na hora aparece Lisbela atrás de Evandro e mata ele, seu pai então deixa *ela* ir com leléu (...)”

(Amostra 09) “Alguns dias depois Frederico descobriu que Leléu tinha se deitado com sua mulher, e resolve mata-lo “so” que Lisbela aparece por trás de Frederico e o mata (...)”

Considerando as duas ocorrências pelo viés da marcação, adotando o princípio complexidade cognitiva, constata-se que a amostra 08 corresponde a forma não-marcada pelo fato de ser menos complexa e exigir menos esforço mental e tempo de processamento por parte do falante. Enquanto que a ocorrência 09 apresenta-se cognitivamente mais complexa, por exigir mais habilidade cognitiva do usuário, caracterizando-se, como a forma marcada.

Aplicando, também, o critério da distribuição de frequência às amostras acima relacionadas, constata-se que a estrutura marcada permanece a mesma, o uso do pronome oblíquo na função objetiva, uma vez que nos textos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

analisados, essa forma é menos frequente no repertório linguístico dos estudantes, enquanto que o uso do pronome reto na referida função é muito mais recorrente, como demonstra o quadro, caracterizando-se, desse modo, como a forma não-marcada.

Ativando, ainda, a marcação como categoria de análise, adotou-se o critério da distribuição de frequência em relação aos empregos do pronome reto de terceira pessoa na posição de objeto direto e sua ocorrência na função de objeto indireto. Quanto a esse critério constatou-se que a estrutura marcada corresponde ao uso do pronome na posição de objeto indireto, (Amostra 11) e (Amostra 12), considerando a frequência de uso das duas formas nos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental. Desse modo, o pronome reto na função de objeto direto, (Amostra 10), (Amostra 13), constitui a categoria não marcada por ser a forma mais usual nas turmas referenciadas. Veja:

(Amostra 10) “(...) eles se abraçaram e ele pediu ela em casamento de novo e ela falou (...)”

(Amostra 11) “(...) o Douglas dava a vida de ‘lisbela’ de uma princesa mais ele ‘madou’ falar pra ela que não precisaria se preocupar com seu futuro”

(Amostra 12) “ (...) E lá um dos meus primos não sabia nadar, por isso só ficava no raso, todos que ali estavam disseram a ele ‘ não vá para o fundo, pois você não sabe nadar’ . ”

(Amostra 13) “(...) via a vida do meu avô como se fosse durar para sempre, estava todos os dias ali alegre e sorridente e foi numa dessas fases que via ele a cada dia, mais infeliz.”

Diante destas proposições, ratifica-se a ideia de que a marcação está intimamente ligada aos fatores comunicativos, socioculturais e cognitivos do informante, vez que uma mesma estrutura apresentou-se marcada em um contexto e não marcada em outro, como verifica-se no uso do pronome pessoal reto em função de complemento.

Discorrendo ainda sobre os conceitos de marcado e não marcado, na perspectiva de Givón (1995) ao afirmar que a marcação não se limita somente às categorias linguísticas, é correto dizer que esse princípio estende-se, também, a linguagem utilizada pelos alunos nas produções textuais, considerando o uso da linguagem formal e informal nas respectivas produções.

Para fundamentar essa questão é viável ressaltar algumas considerações em relação à linguagem utilizada em cada gênero discursivo. Observa-se que no gênero conto ocorreu o maior número de ocorrências do pronome em função objetiva e, no gênero carta argumentativa o menor número. Nesse sentido, pode-se afirmar que o conto por ser predominantemente da tipologia narrativa, possui



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

informações de caráter mais concreto, propicia o uso de diálogos e, conseqüentemente, viabiliza o uso da linguagem informal, de modo que favorece mais o uso do pronome nessa função.

Já a carta argumentativa instiga o uso da linguagem formal, por ser um texto da tipologia argumentação, cujas informações são mais indiretas, abstratas. Dai a menor ocorrência do pronome reto na função objetiva, pois como o próprio Castilho (2012) propõe, esse uso é mais recorrente no português brasileiro informal. Assim, considerando a distinção entre discurso formal e informal, o gênero conto trabalhado no 6º ano, corresponde à forma não marcada em relação ao gênero carta argumentativa, estudado no 8º ano, que nesse contexto configura-se como mais marcado.

É possível aplicar o princípio da marcação referente a utilização da linguagem formal e informal na distinção entre a escrita dos alunos dos 7º e 8º anos, visto que no gênero relato pessoal, produzido pela informantes do 7º ano, predominou-se a linguagem informal em relação ao gênero carta argumentativa produzido pelos alunos do 9º, cuja escrita apresenta-se mais formal. As amostras 14 e 15 ilustram tais dados:

(Amostra 14) “(...) Quando me lembro dos meus irmãos e do meu pai e não vejo eles morando comigo é ruim porque a pessoa se lembra de quando éramos juntos, mas a vida é assim temos que lutar contra tudo para construir um bom futuro (...)”

(Amostra 14):

“Amigo xxxxxx

Saudações!

Mando-lhe essa carta para compartilhar contigo o enredo do filme Lisbela e o prisioneiro. Trata-se de uma comédia romântica em que, uma jovem prometida em casamento, muda toda sua rotina de vida ao conhecer o trambiqueiro e encantador Lelêu.(...)”

Nota-se que, no decorrer da narrativa, o primeiro informante (14) dispõe de uma linguagem mais coloquial, apesar de expressar-se por meio da escrita, ele dispõe de elementos próprios de uma conversação espontânea ao discorrer com saudosismo sobre o convívio familiar. observa-se, o sentimentalismo, a tristeza da autora revelada por meio da expressão *é ruim*, que foi propositalmente escolhida pelo falante para denotar sua tristeza em não ter os familiares em seu convívio. Já o segundo informante demonstra na escrita certa preocupação com a formalidade. Para alcançar sua finalidade comunicativa que é convencer o destinatário a assistir ao filme indicado por ele, lança mão de algumas expressões linguísticas típicas da norma culta. Nesse sentido, reafirma-se a proposição de Givon (1995) em relação ao fenômeno da marcação nos discursos formal e informal.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Desse modo, o gênero relato pessoal constitui a forma não marcada enquanto que a carta argumentativa a forma marcada.

CONCLUSÕES

A partir do exposto, evidencia-se a heterogeneidade linguística vivenciada em contextos de usos diversos, são, portanto, as situações comunicativas que determinam as expressões que devem ser utilizadas na fala ou na escrita. Assim, as categorias gramaticais não devem ser tomadas isoladamente, de modo estático, sem perspectivas de mudança, e, sobretudo, sem considerar os fatores extralinguísticos que influenciam na comunicação humana.

Nas amostras analisadas é notável a fluidez com que a língua se manifesta no meio social, vez que os falantes, independente das normas instituídas pela gramática normativa, ativam novos usos linguísticos conforme os contextos de produção em que se estão inseridos e, com clareza e coerência, conseguem atender aos seus propósitos comunicativos.

Diante disso, destaca-se um aspecto relevante a ser considerado no trato com a língua materna, o fato da comunicação, a interação entre os falantes acontecer por meio de textos, e não por meio de palavras e frases isoladas. Então, não há porque conceber a língua apenas no âmbito da nomenclatura gramatical, a gramática deve ser abordada em sala de aula desde que se contemple o seu aspecto funcional, interacional, afim de que os usuários da língua sejam capazes e se comunicar por meio de textos coerentes e coesos, em situações que exigem o maior ou menor grau de formalidade e/ou informalidade.

Nesse sentido, faz-se necessário uma nova postura referente às questões linguísticas nas salas de aulas, de modo que a estrutura da língua seja trabalhada considerando além dos componentes sintáticos, os semânticos, pragmáticos e discursivos. Sobre essa questão Neves (2013) chama a atenção sobre o papel da escola no sentido de possibilitar a vivência plena da língua materna. Priorizando um ensino, no qual todas as modalidades sejam valorizadas (falada e escrita, padrão e não padrão), de modo que todas as práticas discursivas tenham o seu espaço garantido no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A.T. **Gramática do português brasileiro**.1.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

DU BOIS, J. W. **Competing Motivations**. In: HAIMAN, J. (org). Iconicity in syntax. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1985.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Bejamins, 1995.

_____. **A compreensão da gramática**. São Paulo: Cortez, 2012.

GONÇALVES, S. C. L; HERNANDES, M. C. L; GALVÃO, V. C. C. **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LOPES, C. R. S. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Revista Matraca**. Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca30/arqs/matraca30a06.pdf>>. Acesso em: 12/04/2014.

MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008, p.102-137.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008, p. 153 – 166.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. 4.ed 1ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2013.

SOUZA, E. R. de. **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.